

AUTRAN DOURADO: ESTIGMA E IDENTIDADE EM “HISTÓRIA NATURAL”

Stella Montalvão

Resumo: O foco da análise do conto “História Natural”, escrito por Autran Dourado, é a forma como o autor constrói o foco narrativo e o protagonista, no sentido de fazer emergir os mecanismos de construção da auto-representação e da estigmatização. Como aporte teórico, utilizou-se, na análise, conceitos de Erving Goffman e Stuart Hall, referentes às representações sociais, à identidade e à estigmatização.

Palavras-chave: Autran Dourado, estigmatização, auto-representação, Literatura Contemporânea.

Abstract: The focus of the analysis of the short-story “História Natural”, written by Autran Dourado, is on how the author develops the narrative point of view and the main character in order to elicit the construction mechanisms of self-representation and stigmatization. As a theoretical guide, the analysis used concepts by Erving Goffman and Stuart Hall, concerning social representations, identity and stigmatization.

Key-words: Autran Dourado, stigmatization, self-representation, Contemporary Literature.

Autran Dourado, escritor mineiro de prestígio internacional, é um dos escritores contemporâneos referenciados em estudos literários como fazendo parte do que foi o *boom* do conto brasileiro nos anos 70. Nesse período, uma parte significativa dos escritores tomou a direção inequívoca da exploração de conteúdos de caráter social, utilizando-se frequentemente da “exploração da violência repressiva como núcleo temático” (LUCAS, 1987, p. 155). O conto “História natural”, de Autran Dourado, está inserido neste contexto, tendo sido publicado pela primeira vez em 1972, no livro de contos *Solidão, solitude*.

Em “História Natural”, narra-se a trajetória, pontuada por angústias e dúvidas, de um professor solitário em um internato de meninos. Na escola desde os onze anos, ele passa a sentir um medo indefinível e crescente de deixá-la, o que acaba por impedi-lo de rever seus pais. Já rapaz, passa de aluno a professor de Ciências, como uma forma de garantir sua permanência no colégio. Uma afeição intempestiva e obsessiva por um de seus alunos leva-o a buscar cada vez mais a presença deste, até que um encontro aparentemente casual, no meio da madrugada, dá origem a comentários que acabam por causar sua demissão e expulsão do colégio.

É a capacidade de Autran Dourado, como afirma Silverman, de “projetar padrões universais de comportamento humano ao focalizar introspecções individuais” (SILVERMAN apud HOHLFELDT, 1981, p.150) que nos permite perceber nesse conto a estigmatização a que está submetido todo aquele que foge às convenções sociais. O protagonista carrega um estigma, possivelmente uma homossexualidade não assumida, que o perturba profundamente. Sente-se inadequado e assume imposturas que o deixam cada vez mais inseguro. Sua existência é marcada pelo profundo desprezo que tem por si mesmo.

Considerando que a identidade é um conceito que se relaciona diretamente com “as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 109), fica evidente que a identidade possível para o protagonista é aquela em que boa parte de si mesmo é negada. Assim subjugado, não consegue construir senão um simulacro dele mesmo, uma experiência parcial de si.

Identidade e estigma

Não há traços evidenciados do estigma que possam ser facilmente identificados no protagonista de “História Natural”. Mas há indícios suficientes para se afirmar que ele é portador de

um estigma que, embora não seja facilmente identificado pelo *outro*, condiciona-o em todas as suas ações e pensamentos, caracterizando o que Goffman chama de desacreditável.

Já no primeiro parágrafo do conto, avolumam-se as referências à solidão, à tensão e à ansiedade. Insegurança e medo são os sentimentos que mais se destacam nos pensamentos do protagonista. Seu espírito inquieto teima em voar para além dos muros do colégio e ele se percebe um “prisioneiro de si mesmo” (DOURADO, 1983, p. 92). Ao mesmo tempo, tem necessidade profunda de algo que o reprima, que o proíba e cerceie, para que possa se sentir seguro, libertando-se da angústia de ter que tomar consciência de si mesmo. Assim, o protagonista “necessitava dos muros do colégio” (DOURADO, 1983, p. 91) e “desejava mesmo que as janelas do colégio tivessem grades, para que pudesse respirar, para que ficasse à vontade, sem medo” (DOURADO, 1983, p. 92).

Quando o protagonista deve nomear os motivos que o prenderam ao colégio de forma tão aguda, é o narrador que os revela: “impossibilidade de saber precisamente onde aquilo começara (aquele desejo de ficar, o medo sem sentido de enfrentar os homens lá fora, aquele desejo de querer viver para sempre num ambiente de adolescência e de meninos) (DOURADO, 1983, p. 93), já que o protagonista não os consegue enfrentar: “preferia aceitar como verdades as desculpas que inventara para os outros. Quando deixou de sentir saudades de casa? Ele não arriscava a perguntar por quê” (DOURADO, 1983, p. 93).

No entanto, sua necessidade de ficar junto dos meninos desperta a desconfiança dos alunos mais velhos: “Que mania aquela de viver sempre metido no meio da crilada” (DOURADO, 1983, p. 96). Assim, embora negados internamente pela personagem, o comportamento infantilizado e a possível inclinação homossexual não passam despercebidos por aqueles que o rodeiam.

O que torna o caso do protagonista ainda mais complexo é que o próprio protagonista compartilha dos estereótipos e das restrições impostas àqueles que as possuem. Essa incorporação do estigma que lhe é imputado faz o desacreditável viver um sentimento profundo de inferioridade:

Ter consciência da inferioridade significa que a pessoa não pode afastar do pensamento a formulação de uma espécie de sentimento crônico do pior tipo de insegurança que conduz à ansiedade e, talvez a algo ainda pior, no caso de se considerar a inveja como realmente pior do que a ansiedade. O medo de que os outros possam desrespeitá-la por algo que ela exiba significa que ela sempre se sente insegura em seu contato com os outros; (...) Isso representa uma deficiência quase fatal do sistema do ‘eu’ na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz ‘Eu sou inferior, portanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas’ (GOFFMAN, 1988, p. 22).

A ansiedade vivenciada pela personagem indica claramente a impossibilidade de ela se reconhecer como indivíduo, pois a experiência que ela tem de si mesma é altamente desvalorativa. E a situação de desacreditável se agrava, pois, mesmo que seu estigma não seja perceptível pelos outros, ele mesmo se encarrega de “punir” aquele que, dentro dele, apresenta-se como inadequado, como marginal. Dessa forma, “tinha para si próprio um desprezo que ia às raias do absurdo” (DOURADO, 1983, p. 97).

A convivência social marcada pelo estigma

É possível identificar sua condição de portador de um estigma devido à sua decisão de evitar os contatos mistos, ou seja, contatos com outros adultos não portadores de estigma. Isso fica claro no conflito interno que vive o protagonista, ainda menino, ao escrever cartas à mãe, que não consegue enviar, mas das quais também tem dificuldades de se desfazer.

É evidente que o contato com sua mãe e seu padrasto o apavoram. A lembrança da mãe chega a lhe dar náusea. Qual seria a origem desse medo? Nesse sentido, Goffman afirma que o desacreditável acaba por descobrir que “as relações íntimas com outras pessoas, ratificadas em nossa sociedade pela confissão mútua de defeitos invisíveis, levá-lo-ão ou a admitir a sua situação perante a pessoa íntima, ou a se sentir culpado por não fazê-lo.” (GOFFMAN, 1988, p. 85). Assim, sua incapacidade de enfrentar sua família leva-o a se sentir ainda mais culpado, deixando-se “aprisionar” pelo seu próprio estigma.

A decisão de evitar os contatos mistos é de grande repercussão no processo de construção da identidade do protagonista. Ao se decidir pela autoexclusão, ele perde a possibilidade do intercâmbio social cotidiano, o que o leva ao autoisolamento e gera condições para que ele se torne uma pessoa desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa.

Na busca de uma compreensão do que ocorreu com ele, o protagonista rememora o momento em que, menino, encontra-se em situação crítica diante da necessidade de tomar uma decisão – enviar uma carta à mãe ou não. Uma queda providencial na calçada provoca uma fratura na perna, o que lhe poupa de uma decisão mais imediata. Em repouso na enfermaria, passa a ler e a estudar, mas continua a escrever cartas à sua mãe que não consegue enviar, vivenciando medo e remorso ao se desfazer delas. Destaca-se o momento em que ele engole, aos pedacinhos, uma dessas cartas, talvez como uma tentativa metafórica de engolir, digerir e, por fim, desfazer-se de seu conteúdo.

É na sua estada na enfermaria que ele lê alguns livros que vão lhe proporcionar uma forma de conviver com o outro que tem incorporado dentro de si e que desperta o sentimento de inferioridade que a ele se impõe. Primeiro, um livro de ioga, emprestado a ele pelo enfermeiro, cujos exercícios o protagonista passa a fazer, a fim de exercer certo controle em relação às suas emoções por meio do relaxamento em momentos de maior angústia. Em seguida, livros de história natural, dados a ele pelo diretor, revelam-se como uma solução para o caos emocional que vive: “Era assim que a vida, mesmo a morte, devia ser vista pelos homens. Tudo objetivamente, sem primeira pessoa. Devia aplicar o método de história natural a tudo, mesmo para resolver os problemas pessoais. (DOURADO, 1983, p. 95) E conclui: “Se soubesse aquele método, teria remetido todas as cartas à sua mãe. Agora, ele não mais escrevia. Era observar as coisas e anotar, sem maior interferência pessoal. Observar e comparar” (DOURADO, 1983, p. 95).

A notícia da morte de sua mãe o alivia: “Agora ele não precisava escrever carta para mais ninguém” (DOURADO, 1983, p. 95). Auxiliado pelos exercícios de ioga e pelo método da história natural, o menino aprende a “arte de desviar o pensamento das coisas que angustiam” (DOURADO, 1983, p. 94) e passa a conviver naturalmente com todos, enquanto evita estabelecer relações mais íntimas, mesmo quando se torna professor de Ciências para os alunos mais novos.

Evitar relacionamentos mais íntimos “pode evitar a obrigação conseqüente de divulgar informação” (GOFFMAN, 1988, p. 110). Isso porque, “quanto mais tempo se passa com alguém, maior é a possibilidade da ocorrência de fatos não previstos que revelam segredos” (GOFFMAN, 1988, p. 110). O protagonista, assim, busca manter-se em uma espécie de “anonimato”: sua presença deve passar despercebida para que ele não corra o risco de ter seu estigma descoberto e para evitar uma das situações mais difíceis que um desacreditável pode ter que enfrentar, descrita por Goffman como um

‘aprofundamento de pressão’, ou seja, pressão para elaborar mentiras, uma atrás da outra,

para evitar uma revelação. Suas técnicas adaptativas podem, elas próprias, ferir sentimentos e dar lugar a mal-entendidos por parte de outras pessoas. Seus esforços para esconder certas incapacidades o levam a revelar outras ou a dar a impressão de fazê-lo” (GOFFMAN, 1988, p. 94-95).

A montagem de um museu de história natural, consequência direta da opção do protagonista por um modo de vida impessoal e objetivo, acaba por, paradoxalmente, provocar uma aproximação afetiva entre os meninos e ele. Em seus pensamentos, ele toma consciência de que “era a primeira vez que sentia amor por alguma coisa. Era capaz de amar e receber amor” (DOURADO, 1983, p. 97). Segue-se um período de relativa tranquilidade, em que “o professor Santana sentia-se quase feliz, não mais se olhava interiormente nem dirigia os olhos para as grandes distâncias, com medo das vertigens e das angústias” (DOURADO, 1983, p. 97).

Sua aproximação de Marcelo, “um adolescente de cabelos assanhados e olhos vivos” (DOURADO, 1983, p. 98), a afeição vigorosa que passa a sentir e que toma características de paixão, é evidentemente uma consequência da “fresta” que se abre em sua postura. Perdido como “Alice, que fora atrás de um coelho de casaca e se afundara no buraco por onde ele entrou” (DOURADO, 1983, p. 99), o protagonista prefere “não pensar como era a semente daquele menino que começou a crescer dentro dele” (DOURADO, 1983, p. 99). Passa a temer e a desejar que “estivessem sempre presentes aqueles olhos vivos e verdes” (DOURADO, 1983, p. 99). O controle que mantém sobre as informações que possam evidenciar seu estigma se afrouxa. Aos poucos, a emoção que há em sua voz quando vê ou fala com Marcelo e o ressentimento ao perceber que este o evita vão dando margem a risos dos outros meninos que ele não consegue claramente decifrar.

A possibilidade de se aproximar, quando, tarde da noite, em seu quarto, vê Marcelo que o observa através da janela, o seduz. Perceber-se sozinho com Marcelo desperta nele o que Goffman descreve como “um crescente desejo de um comportamento inadequado” que se manifesta “quando se usa uma máscara, ou quando se está longe de casa” (GOFFMAN, 1988, p. 76), decorrente do esforço despendido para esconder o “defeito” que gera o estigma.

Assim, ele se permite receber Marcelo em seu quarto e desfrutar das sensações que a presença deste lhe causa. A participação do rapaz “naquele jogo estranho e cheio de intenções” (DOURADO, 1983, p. 100) faz com que o protagonista duvide da sua inocência, o que o deixa mais confortável. Não seria esse o encontro de dois desacreditáveis que podiam, finalmente, suspender, por algum tempo, a encenação necessária para se garantir o encobrimento?

Despreparado para perceber a intensidade de seus próprios sentimentos, não percebe que sua insistência em estar novamente com Marcelo após o encontro no quarto, enquanto o aluno sistematicamente o evita, acaba por revelar seu estigma.

Nesse sentido, Goffman destaca que a descoberta de que se está diante de um portador de um estigma “prejudica não só a situação social corrente mas ainda as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação” (GOFFMAN, 1988, p. 75).

A sua demissão e expulsão do colégio pelo diretor que, aos gritos, afirma que ele “era uma desonra para o colégio” (DOURADO, 1983, p. 100) concretiza a estigmatização que tanto temera. Ressalta-se que, mesmo no momento da demissão, sua condição de homossexualidade não é mencionada. A ele não é concedido nem mesmo o direito de existir em sua condição de estigmatizado.

O isolamento na impossibilidade de construção de uma identidade

Quando criança, em seu contato com os outros meninos no colégio, é provável que o protagonista tenha passado pela primeira fase de socialização, “na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais

ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular” (GOFFMAN, 1988, p. 41). Justifica-se, assim, o seu desprezo por si mesmo – a voz que, do seu sonho, lhe grita: “Você nunca sairá daqui”, “Você nunca crescerá”, “Mas virão os leões” (DOURADO, 1983, p. 97) representa, claramente, a voz internalizada dos normais, tão temida por ele.

A construção de uma identidade pelo protagonista revela-se ainda mais difícil, levando em consideração que, em geral, o que os normais esperam de quem carrega o estigma da homossexualidade é que ele não exista, ou seja, que se encubra de forma a negar sua existência. Nesse sentido, afirma Bourdieu:

a forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida (BOURDIEU, 1999, p. 143-144).

Essa recusa à existência legítima compromete profundamente a construção de uma identidade positiva, ou mesmo de qualquer identidade, já que socialmente ele é um tipo de espectro ou alucinação que assombra as convenções sociais.

Seu sofrimento é manifestado durante toda a narrativa. O surgimento da ideia de montar um pequeno museu de história natural marca o momento em que o protagonista, já adulto, sente que os sentimentos que recalçou o sufocam. Já não consegue conviver com a amplitude, com a calma, com o silêncio da noite. Olhando as estrelas, angustia-se: “O mundo devia ter fim, como aqueles muros que cercavam o colégio” (DOURADO, 1983, p. 92). Quer relaxar, pensar em “uma paisagem calma de pinheiros soprados por uma brisa suave” (DOURADO, 1983, p. 91), fugir da imagem do mar que o atormenta.

Em seus estudos de animais empalhados ou conservados em formol, o protagonista fixa-se na descrição de seus espécimes, sem questionar o porquê das características diversas dos animais que analisa. Da mesma forma, na vida que leva, fixa-se nas recordações do momento e dos fatos que ocorreram e que indicam suas mudanças de comportamento, usando o método da história natural, o método científico que tanto o encantara, para manter-se ausente emocionalmente, para não ter que entrar em contato com seus desejos e seus sentimentos mais profundos.

Mas, se a identidade surge a partir da “narrativização do eu” (HALL, 2000, p. 109), então sua construção passa, obrigatoriamente, pelo falar a si mesmo e de si mesmo. É isso que o protagonista não se sente autorizado a fazer, pressionado pelas vozes dominantes que internalizou. Nesses termos, ele não é capaz de se nomear, posto que nega boa parte da sua própria vivência emocional. É interessante que, a partir do momento em que o narrador define um ponto do presente – o momento em que o protagonista, demitido, encontra-se na rua, diante do colégio, sem ter para onde ir –, ele insista na necessidade de “narrar a si mesmo toda a sua história” (DOURADO, 1983, p. 97).

A narrativa, até então, compunha-se de 25 parágrafos em que o narrador dá informações e apresenta comportamentos e sentimentos do protagonista, permitindo que este, poucas vezes, interfira na narração por meio do discurso indireto livre. Mas, ao afirmar que “precisava encontrar uma explicação, narrar a si mesmo toda a sua história, para ver se compreendia o momento exato em que tudo se perdera” (DOURADO, 1983, p. 97), o protagonista apropria-se da narrativa. E, em um parágrafo único, de cerca de 160 linhas, ele vai oscilar entre descobrir a sua própria voz ou retomar as vozes internalizadas que repetem insistentemente que “ele era o culpado” (DOURADO, 1983, p. 97).

No parágrafo em questão, percebe-se que a primeira reação é a de autocensura: “De repente, ele se via despedido do colégio. Fora o culpado. As coisas aconteciam sem que ele pudesse dar conta, mas era o culpado. Via o mundo inteiro recriminando-o, ele era culpado” (DOURADO, 1983, p. 97). Em uma tentativa de compreender: “Ficava repetindo as frases, sem fim, de novo repetindo. Mas não

achava explicação e voltava ao raciocínio inicial. Ele era o culpado, tinha certeza” ((DOURADO, 1983, p. 97). É interessante ressaltar que, na verdade, o que determina sua culpa não é o que fez, mas a opinião do “mundo inteiro”.

Em seguida, aprofunda-se o questionamento: “Mas como era culpado, se não tinha dado conta de que aquilo estava acontecendo, de que ele se prendia demais a Marcelo?” (DOURADO, 1983, p. 97). Ressalta-se que o uso da expressão “não tinha dado conta” assume um novo significado, se se considerar a frase logo em seguida: “As coisas começavam imperceptíveis e ia contando até que não podia mais contá-las. Assim foi com Marcelo, assim com toda a sua vida” (DOURADO, 1983, p. 97). “Contar”, nesse contexto, aproxima-se da ideia de “narrar”. Dessa forma, evidencia-se o fato de que, durante sua vida, havia sempre um momento em que ele não era mais capaz de “narrar o eu”, pois as pressões internas o impediam.

É possível acompanhar, pelo olhar do protagonista, sua aproximação de Marcelo. A paixão que ele sente pelo aluno é evidente. As sensações se acumulam em sua narrativa até que esse fluxo é interrompido pela frustração de ser rejeitado pelo aluno e de ser demitido. Retorna a sensação de culpa. Fica evidente que as vozes do estigma que ele internalizou acabam por dominá-lo.

O último parágrafo marca o retomar da voz pelo narrador: “O professor Santana olhava a rua comprida e ensolarada que se perdia de vista, vermelha de terra” (DOURADO, 1983, p. 97). O sentimento de solidão, que aparece logo nas primeiras frases do conto e que tanto fere o protagonista, é o mesmo que o assalta no último parágrafo do texto, quando já se encontra na rua: “Sentado no meio-fio, via-se sozinho no mundo, sem ninguém” (DOURADO, 1983, p. 101). Ou seja, dentro ou fora dos muros da escola, não há como se proteger de si mesmo, nem dos outros.

É evidente, assim, a maestria de Autran Dourado na abordagem do tema da estigmatização pelo viés da psicologia da personagem, aliada à construção de um texto multifacetado, que nos permite reconhecer claramente a condição de estigmatizado pelas convenções sociais. Dessa forma, esse conto é, talvez, a consubstanciação do que Autran Dourado afirmou em uma de suas palestras em relação à construção das personagens em seus textos literários: “Cada um sente, sofre e fala à sua maneira; às vezes a fala é apenas um gemido rebuscado” (DOURADO, 1992)

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DOURADO, Autran. História natural. In: *Solidão, solitude*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 91-101.

DOURADO, Autran. *Os sinos da agonia, romance pós-moderno*. In: Conferências, 1992, Sorbonne, França. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/20/12-autran.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. 4. ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HOHLFELDT, Antonio. *O conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

LUCAS, Fabio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1987.

Stella Montalvão é Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, com pós-graduação em Psicopedagogia e Mestrado em Literatura Brasileira contemporânea. Dedicase atualmente aos estudos sobre representação dos marginalizados no âmbito da Literatura contemporânea e à análise de obras da literatura angolana pertencentes a chamada literatura pós-colonial.